



Notas sobre tradução: da invisibilidade do tradutor

Regina Célia Silva – USP

RESUMO: Considerações acerca da relação do tradutor com a obra e o autor e breve relato de experiência sobre a tradução de *A rainha sem enfeites*, de Maurizio Maggiani (Castelnuovo Magra, 1951), prêmios Alassio, Stresa e Il Molinello (1998), publicado no Brasil pela Berlendis e Vertecchia (2003).

PALAVRAS-CHAVE: tradutor e obra; tradução e autor; *A rainha sem enfeites*; Maurizio Maggiani.

Sou uma tradutora neófito e a minha primeira reação diante do convite de Donatella Berlendis para traduzir *A rainha sem enfeites*, minha primeira tradução literária, foi de entusiasmo. Afinal, a coleção Letras Italianas, iniciada em 1999, já vinha merecendo, no breve período de sua existência, a atenção e a estima de leitores de várias categorias e algumas premiações no Brasil e no exterior. Ao entusiasmo seguiu-se, no entanto, a dúvida que logo deu lugar à angústia. Seria capaz de traduzir um romance tão longo (455 páginas) e com características tão peculiares? E os trechos em dialeto genovês? Conseguiria apreender as nuances daquela fascinante mistura de épica e fábula? Foi então que, como simples leitora, me vi apaixonada pelo texto e decidida a render-me àquela paixão. E foi ela que me fez correr o risco do ridículo e vencer o medo do fracasso. Estava decidida a reescrever aquela história na minha língua ainda que continuasse a ser a sua única leitora.

Entreguei-me totalmente ao trabalho durante dois meses, em parte porque havia a pressão do editor, mas principalmente porque não conseguia dei-

zar de encontrar todos os dias aqueles personagens, na voz de um narrador que me embalava como a voz daqueles contadores de casos que conheci na minha infância no interior de Minas. De fato, como soube depois, Maggiani vem de uma família e de uma tradição de contadores de histórias e, muito provavelmente, a paixão por contar e ouvir histórias deve ser algo universal, tanto vale em Minas Gerais como na Ligúria. Experimentava no ritmo daquela narrativa o fascínio do paradoxo de encontrar o Outro no quintal de casa, tão diferente e tão parecido. Ingredientes de uma trama ao mesmo tempo única e universal: uma família dividida pela guerra, o amor incondicional entre pais e filhos, histórias de amor e de amizade que se interrompem, amores irrealizados, heróis e heroínas que cumprem anonimamente seu destino.

Meu envolvimento com a obra levou-me a Gênova, onde busquei os percursos daquela história. Caminhei pelas ruas olhando atenta para qualquer vestígio que me pudesse devolver um daqueles olhares, daqueles gestos e feições descritos no livro. Encontrei um pouco deles em cada pessoa com a qual cruzei; contemplei a casa de Sascia, buscando o seu ponto de vista e esperando que a qualquer instante ela pudesse abrir a porta ou dobrar a esquina, voltando quem sabe de um de seus passeios com Paride, não obstante objetivamente houvesse entre nós uma distância temporal e geográfica imensa.

A empatia com o texto foi, sem dúvida, o maior motivo de aproximação entre mim e o romance de Maggiani. Ria e chorava com seus personagens, e meus infortúnios, em alguns pontos, confundiam-se com os deles; provei indignação à medida que a história se desenrolava; tive fantasias em mudar o curso da história, de terminá-la antes, de dar-lhes a vida eterna, enfim, de transgredir em vez de transportar, como deve fazer, por princípio, o bom tradutor; tive ímpetos de renunciar à minha invisibilidade e cometer o crime perfeito; talvez pudesse contar com a cumplicidade do revisor, caso conseguisse convencê-lo das minhas boas intenções. Fantasias à parte, a verdade é que senti um enorme vazio quando terminei o trabalho. Num primeiro momento atribuí essa sensação ao fato de o texto não me pertencer, como se eu fosse dele uma espécie de mãe adotiva, duplamente rejeitada pelo filho adulto que não a reconhece. Refletindo mais – talvez até para consolar-me – cheguei a ou-

tras conclusões: talvez o texto não pertença nem ao próprio autor; talvez sejam as histórias que escolhem seus narradores e tanto a estes como aos tradutores reste apenas, no momento da narração/enunciação, a ilusão de que a obra lhes pertença. Talvez seja na impossibilidade de apropriar-se inteiramente de uma narrativa que autor e tradutor possam encontrar uma equivalência.

De minha parte, evitei qualquer contato com o autor durante a tradução, mais por timidez e sentimento de inadequação do que por algum motivo metodológico, ou de ordem racional. No entanto, nosso encontro, no lançamento da obra na Bienal do Livro, foi uma espécie de redundância: ele já dissera tudo o que precisava dizer com a sua obra e, além das perguntas que costumamos dirigir a uma pessoa recém-conhecida, não tínhamos realmente nada para nos perguntar. Um passeio silencioso e comovente pelo Rio de Janeiro foi tudo o que compartilhamos.

ABSTRACT: Si presentano alcune riflessioni sul rapporto del traduttore con l'opera e l'autore e sull'esperienza della traduzione di La regina disadorna, di Maurizio Maggiani (Castelnuovo Magra, 1951), premi Alassio, Stresa e Il Molinello (1998), pubblicato in Brasile dalla editrice Berlendis e Vertecchia (2003).

PAROLE CHIAVE: traduttore e opera; traduttore e autore; La regina disadorna; Maurizio Maggiani.